

VECCHIATTI SOCIEDADE DE ADVOGADOS

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR MINISTRO EDSON FACHIN, DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º 5668

PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE – PSOL,

devidamente qualificado nos autos da ação em epígrafe, que promove em face do **CONGRESSO NACIONAL**, por seu advogado signatário, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, aditar a petição inicial, **trazendo estudos que comprovam ainda mais as alegações da petição inicial**, expor e requerer o quanto segue, para fins de imediata apreciação, monocrática, do pedido cautelar:

Requer-se a apreciação, com a maior urgência possível, do pleito cautelar formulado na petição inicial – de forma monocrática, inaudita altera pars e ad referendum do Plenário desta Suprema Corte.

A **URGÊNCIA** decorre de é frequente/corriqueira a discriminação contra crianças LGBTI nas escolas, como já demonstrado por **estudos** sobre o tema, segundo os quais **“quase 20% dos alunos não querem colegas gays ou trans”**¹, algo que comprova, cabalmente, a necessidade de se coíberem as discriminações por identidade de gênero e orientação sexual nas escolas. Trata-se da **pesquisa “Juventudes nas Escolas, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?”**, sendo que “Segundo a pesquisa ‘Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?’, realizada em vários estados do país, **um dos principais preconceitos sofridos na escola é a LGBTfobia, em especial a transfobia e a homofobia.** “O que percebemos é que esse número é tão alto quanto na primeira pesquisa, ‘Juventude e Sexualidade’ [de 2004]”, diz a **socióloga Miriam Abramovay**, coordenadora da pesquisa. [...] No total, **19,3% dos alunos de escola pública não gostariam de ter um colega de classe travesti, homossexual, transexual ou transgênero. O grupo só fica atrás de bagunceiros (41,4%) e ‘puxa-saco’ dos professores (27,8%)**” (g.n), cf. p. 95 do estudo (doc. anexo).

¹ Íntegra da pesquisa disponível em: <http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf> (acesso em 21.03.2017). Notícias sobre a mesma: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/15/quase-20-dos-alunos-nao-quer-colega-de-classe-gay-ou-trans.htm>>> e <<http://www.nos2.co/2016/02/lgbtfobia-na-escola-quase-20-dos-alunos-nao-querem-colegas-gay-ou-trans/>> (ultimo acesso em 21.03.2017).

Bem como de gênero, já que o machismo social e escolar é fato notório que, como tal, não supõe comprovação (art. 374, I, do CPC), na medida em que, consoante matéria citada na epígrafe da petição inicial, “*Na escola, crianças aprendem a reproduzir comportamentos de uma sociedade sexista. Assimilam que garotas são mais hábeis para as atividades domésticas e meninos devem partir para a briga. No futuro, caso a distorção não seja corrigida, as mulheres continuarão a atuar em um mercado de trabalho desigual, subordinadas aos homens e ganhando menos*”². Até porque, segundo a citada pesquisa, **“Gênero imprime marcas significativas quando se perscruta as dificuldades que uma pessoa enfrenta para estudar. Ter que cuidar de casa, dos filhos ou ter outras obrigações pesa muito mais entre as mulheres (12,3%) do que entre os homens (7,7%). Note-se que tal categoria, na tabela anterior, era também mais expressiva entre os alunos do PJU (19,6%) e da EJA (15, %) que entre os do EM (9,6%), possivelmente porque há mais mulheres nessas modalidades (ver Tabela 3.3.3)”** (g.n). Trata-se de tema que precisa, necessariamente, ser também trabalhado nas escolas, para fins de conscientização social da situação da mulher e os privilégios masculinos na sociedade.

Ademais, em **“Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil. As Experiências de Adolescentes e Jovens Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”**³, de 2016, foi constatada a enorme violência verbal e física sofrida por estudantes LGBT nas escolas, na atualidade, senão vejamos:

Por meio das 1016 respostas efetuadas no questionário disponibilizado on-line, **o relatório retrata níveis elevados e alarmantes de agressões verbais e físicas, além de violência física; ao mesmo tempo expõe níveis baixos de respostas nas famílias e nas instituições educacionais que fazem com que tais ambientes deixem de ser seguros para muitos estudantes LGBT, resultando em baixo desempenho, faltas e desistências, além de depressão e o sentimento de não pertencer a estas instituições por vezes hostis.** O relatório vem em um momento oportuno, trazendo os dados das vivências concretas dos/das estudantes LGBT nas instituições educacionais, mediadas por contra-argumentos às concepções dos movimentos conservadores e fundamentalistas que se opõe à prática de ensino e aprendizagem nos ambientes escolares sobre o respeito e reconhecimento das diversidades sexuais e da igualdade de gênero, perpetuando assim as graves situações retratadas por esta e outras pesquisas relativas à violação dos direitos humanos e do direito à educação de qualidade para todos/as em ambientes que sejam seguros. 322 (31,7%) dos/das estudantes deixaram seus comentários adicionais ao final do questionário, ilustrando e aprimorando a pesquisa com relatos de suas experiências pessoais. **Estes relatos nos indignaram mais que os próprios dados numéricos. Demonstram que precisamos continuar com ações para combater o preconceito, a discriminação, a violência e o estigma contra a comunidade LGBT no ambiente educacional.** Enquanto no Brasil estamos diante de um retrocesso na agenda progressista por uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, no âmbito internacional as Nações Unidas vem envidando esforços desde 2008 para coletar informações e apontar respostas para a violência e a discriminação às quais as pessoas LGBT estão sujeitas em muitos países. Num processo que levou mais de cinco

² **“O machismo vai à escola”**. In: Revista Claudia, abril/2012, p. 100.

³ Disponível em: <<http://www.abglt.org.br/docs/IAE-Brasil.pdf>> (último acesso em 21.03.2017).

anos envolvendo consultas regionais, a UNESCO lançou em 17 de maio de 2016, Dia Internacional contra Homofobia e Transfobia, o Relatório Global sobre as respostas do setor educação à violência motivada por orientação sexual e identidade/expressão de gênero. Como isto, soma-se a recomendações das Nações Unidas referentes às pessoas LGBT para outras áreas, como a saúde, além dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como a educação de qualidade, a igualdade de gênero e a redução das desigualdades” (Carlos Magno, Presidente da ABGLT, e Toni Reis, Diretor Executivo do Grupo Dignidade, Secretário de Educação da ABGLT e Responsável pela Pesquisa no Brasil)

“Para os/as adolescentes e jovens, a instituição educacional pode ser um lugar inseguro por diversos motivos. Foi perguntado para os/as estudantes que participaram da nossa pesquisa se em algum momento no último ano letivo se sentiram inseguros/as na instituição educacional por causa de alguma característica pessoal, incluindo: orientação sexual, gênero, identidade / expressão de gênero (ou seja, em termos tradicionais, até que ponto a aparência ou os comportamentos correspondiam a noções tradicionais do “masculino” ou do “feminino”), bem como o tamanho ou o peso corporal. Conforme indicado na Figura 1.1, **muitos/as dos/das estudantes LGBT se sentiam inseguros/as na instituição educacional por causa de sua orientação sexual e identidade / expressão de gênero:**

- **60,2% afirmaram se sentir inseguros/as na instituição educacional no último ano por causa de sua orientação sexual.**

- **42,8% se sentiam inseguros/as por causa da maneira como expressavam o gênero**

[...]

Quando os/as estudantes se sentem inseguros/as ou constrangidos/as na instituição educacional, pode acontecer de evitarem os locais ou as atividades específicas onde se sentem mais rejeitados/as, ou podem até sentir a necessidade de se ausentar da instituição educacional para sempre. Assim, **o ambiente escolar hostil pode impactar na capacidade do/da estudante LGBT se envolver e participar plenamente na comunidade escolar.** Perguntamos para os/as estudantes LGBT se havia determinados espaços na instituição educacional que evitaram especificamente porque se sentiam inseguros/os ou constrangidos/as nos mesmos”. (g.n – p. 27 da pesquisa)

Consoante exposto na página 30 da Pesquisa:

Sentir-se inseguro/a ou constrangido/a na instituição educacional pode afetar o desempenho acadêmico dos/estudantes, sobretudo se resultar em faltas às aulas.

Quando perguntados/as sobre as faltas, quase um terço (31,7%) dos/das estudantes LGBT afirmaram ter faltado na instituição educacional pelo menos um dia no último mês (Figura 1.3).

*“Eu passei a tirar só notas baixas, e **parei de frequentar a escola**, o que acabou fazendo com que eu reprovasse de ano”. (depoimento de uma estudante lésbica, 16 anos, estado de São Paulo).*

*“**Não gosto mais de ir pra escola porque é lá que tenho minhas piores lembranças.** Ano passado me zuearam só porque eu gostava de uma professora. Eles me chamavam de sapatão, me xingavam, eu me sentia infeliz (...), **as amigas que pouco tinha perdi quando souberam que eu me apaixonei por uma professora.** A diretora tentava resolver meu problema, mas nada resolvia. **Minhas aulas este ano já começaram e só fui 3 dias.** Bom, durante esses únicos 3 dias que fui **sofri bullying, assédio, xingamento e brincadeira de mau gosto.** Tentei me ajuntar a um menino popular pra ver se conseguia sofrer menos. Bom, eu consegui, mas não adianta de nada porque ainda sim **olham pra mim como se fosse um E.T., como se fosse um estranho. Tento desmentir minha sexualidade porque se já sofro bullying sem assumir, imagina se assumisse.** Minha mãe tenta me fazer ir pra escola, mas não adianta. **Penso em até suicídio,** mas ela tenta me dar forças. (...) Bom eu já sou tão infeliz comigo*

que não quero mais ver ninguém, já pedi pra minha mãe morar bem longe de família e qualquer pessoa que possa me julgar, mas não tem como. Não sou mais feliz e há 4 anos que vivo numa angústia sem fim. E como minha cidade é pequena, tem poucas pessoas LGBT aqui, e na minha idade não tem nenhuma menina lésbica, é triste porque nunca vou poder sair pra rua com minha namorada ou falar que tenho uma porque o preconceito é grande e porque não tem. Bom, eu já falei muito e se fosse pra conta tudo eu passaria uma semana, mas meu conceito sobre a vida é que ela não tem valor quando você é alvo de bullying, a infelicidade é sua vida e raramente você é feliz”. (depoimento de estudante lésbica, 14 anos, estado do Ceará).

Nas páginas 31-32:

“Muitas piadas sobre estupro, e meninos fetichizando o fato de eu ser bi. Eu sou lésbica, mas por medo e insegurança me digo bi”. (depoimento de estudante lésbica, 13 anos, estado do Rio de Janeiro).

Comentários LGBTfóbicos, sexistas, racistas, entre outros, podem fazer com que o ambiente educacional seja hostil para qualquer estudante. Perguntamos sobre as experiências dos/das estudantes LGBT no sentido de ter ouvido comentários contra pessoas LGBT e outros tipos de comentários pejorativos na instituição educacional. Visto que **comentários LGBTfóbicos e comentários negativos sobre a identidade/expressão de gênero são especificamente relevantes para estudantes LGBT**, fizemos perguntas adicionais na pesquisa para os/as estudantes sobre a utilização deste tipo de comentários contra LGBT por parte de profissionais e funcionários/as da instituição educacional e como os/as mesmos/as reagiam a comentários desta natureza.

“O meu ensino médio foi horrível, graças aos meus colegas estudantes e aos funcionários da minha escola. Era difícil para mim acordar todos os dias e ir para aquele inferno”. (depoimento de uma estudante lésbica, 17 anos, estado do Rio Grande do Sul).

Comentários LGBTfóbicos. Perguntamos para os/as estudantes sobre a frequência com que ouviam comentários LGBTfóbicos. Conforme consta na Figura 1.4, quase a metade **(47,5%) dos/das estudantes LGBT relataram ter ouvido outros/as estudantes fazendo comentários pejorativos, tais como “bicha,” “sapatão,” ou “viado,” frequentemente ou quase sempre na instituição educacional.** Além disso, perguntamos para os/as estudantes que costumavam ouvir comentários LGBTfóbicos na instituição educacional até que ponto isto estava comum entre a população estudantil. Observa-se na Figura 1.5 que um quinto dos estudantes LGBT que costumavam ouvir comentários LGBTfóbicos na instituição educacional **(21,7%) relataram que esses tipos de comentários eram feitos pela maioria dos seus pares.** Ademais, mais de dois terços **(69,1%) dos/das estudantes relataram que já ouviram comentários LGBTfóbicos feitos por professores/as ou outros/as funcionários/as da instituição educacional** (Figura 1. 6). (g.n)

“No colégio reinava o machismo, a misoginia, a lgbtfobia e a gordofobia. **Qualquer fuga do estereótipo padrão de gênero, sexualidade ou/e beleza era motivo de “piadas”.** Não ocorreram agressões físicas, porém as verbais eram diárias. **O pior de tudo é que as agressões mais graves vinham dos professores. O de história desrespeitava identidades de gênero ou sexualidade (que não se adequassem à heteronormatividade),** as quais o mesmo não sabia diferenciar. Chamava mulheres “masculinizadas” “de machorra”, fazia comentários hipersexualizando mulheres e fazia discurso de ódio disfarçado contra lgbs. Mas **o grande pesadelo era o professor de matemática, fui perseguido pelo mesmo após reclamar à direção sobre seus discursos de ódio contra lgbs (dizendo que “traveção” tinha que apanhar até virar homem,** que os gays impunham seu estilo de vida

demoníaco, etc.), **e suas “piadas” sobre violência doméstica**. Além de me perseguir em sala de aula, ameaçou bater se encontrasse na rua”. (depoimento de um estudante gay, 16 anos, estado do Paraná)

Foi perguntado para os/as estudantes que afirmaram ter ouvido comentários LGBTfóbicos na instituição educacional com que frequência professores/as ou outros/as funcionários/as estavam presentes e, quando presentes, com que frequência tomavam alguma providência. Conforme indicado na Figura 1.7, os comentários LGBTfóbicos foram feitos com maior frequência quando professores/as ou funcionários/as não estavam presentes – apenas em torno de um quarto dos/das estudantes disseram que profissionais estavam presentes “sempre” ou “a maioria das vezes.” A maioria dos/das professores/as e funcionários/as da instituição educacional não fazia intervenções quando da ocorrência de comentários LGBTfóbicos. Conforme consta na Figura 1.8, menos de um quarto (16,1%) relatou que os/as profissionais tomavam providências a maioria das vezes ou sempre, e 53,9% relataram que os/as profissionais nunca tomavam providências.

“Me chamam de coisas como “sapatona”, “bolacheira”, etc, na brincadeira, e eu finjo que não me importo, mas na verdade eu me magoo e me incomodo bastante. A coordenação também já tentou me afastar de algumas garotas, inclusive chamaram as mães dessas estudantes pra “alertar” sobre mim”. (depoimento de uma estudante lésbica, 17 anos, estado de Alagoas).

Seria de se esperar que os/as professores/as e funcionários/as da instituição educacional assumissem a responsabilidade por tomar medidas em relação a problemas com comentários preconceituosos na instituição educacional. No entanto, os/as estudantes também podem intervir ao ouvirem este tipo de comentário, sobretudo porque muitas vezes os/as profissionais não estão presentes quando ocorre. Portanto, a disposição de outros/as estudantes em intervir quando ouvem comentários desta natureza pode ser outro indicador importante do clima na instituição educacional. Contudo, poucos/as estudantes relataram que seus pares intervinham sempre ou a maioria das vezes quando ouviam comentários LGBTfóbicos (25,6%), e mais de um terço (36,2%) disseram que seus pares nunca tomavam qualquer providência (Figura 1.8).

“Eu fui perseguida pela coordenadora, chegou um período em que não podia abraçar, nem ir com minhas amigas ao banheiro que os funcionários implicavam ou me seguiam”. (depoimento de uma estudante bissexual, 17 anos, estado da Bahia).

A maioria dos/das estudantes LGBT relata a utilização desenfreada de comentários LGBTfóbicos na instituição educacional, e este comportamento contribui para um ambiente de aprendizagem que é hostil para essa população. Se as autoridades da instituição educacional intervêm pouco quando ouvem comentários preconceituosos na instituição educacional, isto pode transmitir para os/as estudantes a mensagem de que os comentários LGBTfóbicos são tolerados. Além disso, pode ser que os/as próprios/as professores/as e funcionários/as estejam servindo de modelos de comportamentos inadequados e legitimando a utilização de comentários LGBTfóbicos, uma vez que a maioria dos/das estudantes já ouviram professores/as / funcionários/as da instituição educacional fazendo comentários LGBTfóbicos em algum momento.

“A minha bissexualidade é constantemente questionada. Ou me taxam de gay, de frescurento ou safado. Sinto que minha orientação está sendo deslegitimada e eu odeio isso! As garotas se recusam a ficar comigo por acharem que eu só quero “me esconder”, e é horrível porque eu me atraio muito por mulheres assim como por homens!!!” (depoimento de um estudante bissexual, 16 anos, estado de São Paulo).

Comentários negativos sobre a identidade/expressão de gênero. Muitas vezes a sociedade impõe normas sobre o que é considerado a expressão apropriada do gênero da pessoa. As pessoas que expressam o gênero de maneira considerada atípica podem sofrer críticas, agressão e, às vezes, violência. Assim, fizemos duas perguntas distintas para os/as estudantes sobre comentários que ouviram relacionados à identidade / expressão de gênero de outros/as estudantes — uma das perguntas foi sobre a frequência com que ouviram comentários sobre alguém que não agia de forma suficientemente “masculina”, enquanto a outra pergunta foi sobre a frequência com que ouviram comentários sobre alguém que não agia de forma suficientemente “feminina”.

*“Tive que mudar de colégio quase no final do ano letivo devido aos comentários inapropriados, chegando na outra escola ninguém me conhecia, porém já foram deduzindo por algum jeito meu. Me sinto muito constrangida com isso, por que em pleno século XXI têm-se tantas pessoas homofóbicas? **Seria legal esses cuidadores de escolas ou quaisquer sejam as instituições, debaterem sobre o tema e ter uma visão mais vasta diante da nossa sociedade, somos todos iguais, apenas tem pessoas com qualidades mais desenvolvidas do que outras...**”* (depoimento de uma estudante lésbica, 17 anos, estado de Sergipe).

Nas páginas 34-35:

Os achados desta pesquisa demonstram que comentários negativos sobre as expressões de gênero das pessoas estavam generalizados nas instituições educacionais. Conforme ilustrado na Figura 1.4, mais da metade dos/das estudantes LGBT relataram ter ouvido muitas vezes ou frequentemente um desses **dois tipos de comentário sobre a identidade/expressão de gênero de alguém na instituição educacional** (56,8% sobre não ser “masculino” e 51,0% sobre não ser “feminina” o suficiente). **Os comentários sobre os estudantes que não agiam de maneira suficientemente “masculina” foram mais comuns que os comentários sobre as estudantes que não agiam de forma suficientemente “feminina”.** Quando perguntados/as sobre a proporção da população estudantil que fazia esse tipo de comentário, um quarto (27,2%) dos/as estudantes relataram que a maioria de seus pares fazia comentários negativos sobre a identidade / expressão de gênero de alguém (Figura 1.9). Ademais, 24,3% dos/das estudantes LGBT relataram que já ouviram “frequentemente” ou “quase sempre” esses tipos de comentários feitos por professores/as e outros/as funcionários/as da instituição educacional (Figura 1.10).

“Em minha opinião, os estudantes estão muito melhor preparados para lidar com LGBT do que professores/funcionários. Em 2015 sofri preconceito por parte da diretoria da escola, teve situações que eles constrangeram uma de minhas amigas por minha causa, dizia que eu não podia abraçar minha amiga pois eu influenciaria as outras pessoas a serem gay também (falaram como se fosse opcional ser lésbica, além de insinuar que não é uma coisa boa). A escola que contou à minha mãe sobre minha orientação sexual sem eu permitir, além de espalharem para os professores/estudantes sobre minha depressão e ansiedade. Por parte dos estudantes teve comentários sobre minha sexualidade, mas já não ouço muito sobre o assunto. Quando me assumi para minha sala foram super a favor e sempre me apoiaram”. (depoimento de uma estudante lésbica, 16 anos, estado de São Paulo).

Comentários negativos sobre pessoas trans. De forma parecida aos comentários negativos sobre a identidade / expressão de gênero, há pessoas que fazem comentários negativos sobre pessoas trans porque podem representar um desafio às ideias “tradicionais” sobre gênero. Portanto, perguntamos para os/as estudantes com que frequência ouviam comentários negativos especificamente sobre pessoas trans, como “traveco” por exemplo. Mais da metade (54,7%) dos/das estudantes LGBT na nossa pesquisa relataram ter ouvido tais comentários frequentemente ou quase sempre (Figura 1.4).

“Não sou respeitado como homem trans e muito menos meu nome social”.
(depoimento de estudante trans, 15 anos, estado de Pernambuco).

A generalização de comentários contra pessoas LGBT é um fator preocupante que contribui para que o ambiente escolar seja hostil para qualquer estudante LGBT. Qualquer comentário negativo sobre orientação sexual, gênero ou identidade / expressão de gênero pode assinalar para os/as estudantes LGBT que não são bem-vindos/as nas comunidades educacionais em que estão inseridos/as, mesmo se o comentário negativo específico não seja diretamente direcionado à orientação sexual, à identidade ou à identidade / expressão de gênero da pessoa que ouve o comentário. Por exemplo, comentários negativos sobre a identidade/expressão de gênero podem depreciar pessoas trans ou lésbicas, gays e bissexuais, mesmo quando não são utilizadas ofensas específicas LGBTfóbicas.

Outros tipos de comentários preconceituosos na instituição educacional. Além de ouvir comentários contra pessoas LGBT na instituição educacional, a existência de outros tipos de comentários preconceituosos é um indicador importante do clima na instituição educacional para estudantes LGBT. Perguntamos sobre as experiências dos/das estudantes em termos de ter ouvido:

- **Comentários racistas** (como “preto” ou “macaco”, falados de maneira preconceituosa);
- **Comentários sexistas** (tais como uma menina ser chamada de “vadia”, “vagabunda” ou “galinha” de maneira preconceituosa, ou comentários sobre os corpos das meninas ou afirmações de que meninas são inferiores a meninos);
- Comentários pejorativos sobre a **capacidade intelectual** de um/a estudante (como “debiloide” ou “retardado”);
- Comentários pejorativos sobre a **religião** de um/a estudante; e
- Comentários sobre o **peso ou o tamanho do corpo** de alguém.

Conforme demonstrado na Figura 1.11, **os/as estudantes LGBT que participaram da pesquisa relataram que esses tipos de comentários são muito comuns em suas instituições educacionais. Em especial, 82,8% dos/das estudantes LGBT ouviram com frequência ou quase sempre comentários sexistas na instituição educacional.** Quase três quartos (72,0%) dos/das estudantes LGBT ouviram com frequência ou quase sempre comentários sobre o peso ou tamanho corporal de outros/as estudantes. **Mais de dois terços (68,2%) dos/das estudantes LGBT ouviram com frequência ou quase sempre comentários sobre a capacidade intelectual de outros/as estudantes.**

“Um professor interrompeu a aula para dizer que eu iria pro inferno, porque sou bissexual e umbandista”. (estudante bissexuais negra, 15 anos, estado da Bahia).

Considerando todos os tipos de comentários pejorativos que os/as estudantes ouvem na instituição educacional, os mais comuns em nossa pesquisa foram comentários sexistas e comentários sobre o peso ou tamanho do corpo de alguém, enquanto comentários racistas e comentários sobre a religião de alguém foram menos comuns.

Na página 39:

AGRESSÃO VERBAL

Foi perguntado para os/as estudantes participantes da nossa pesquisa com que frequência no último ano foram agredidos/as verbalmente (ex. ser xingado/a ou ameaçado/a) na instituição educacional especificamente por causa de características pessoais: orientação sexual, identidade de gênero, identidade/expressão de gênero e raça/etnia. A grande maioria (84,4%) relatou

ter sido agredida verbalmente em algum momento no último ano por causa de alguma dessas características pessoais. Os/as estudantes LGBT relataram com maior frequência terem vivenciado agressão verbal na instituição educacional por causa da orientação sexual ou a forma como expressaram o gênero (Figura 1.12):

- **Quase três quartos dos/das estudantes LGBT (72,6%) já foram verbalmente agredidos/as por causa de sua orientação sexual; quase um quarto (22,8%) vivenciou essa forma de agressão quase sempre ou frequentemente; e**
- **Mais de dois terços dos/das estudantes LGBT (68,0%) foram agredidos/as verbalmente na instituição educacional por causa de sua identidade/expressão de gênero; um quarto (23,5%) relatou ter sido agredido por este motivo com frequência ou quase sempre.**

[...]

Embora não tão comum, **muitos/as estudantes LGBT foram agredidos/as na instituição educacional por causa do seu gênero** — em torno de dois quintos (40,4%) foram agredidos no último ano por este motivo; cerca de um décimo (10,8%) foi agredido verbalmente com frequência ou quase sempre.

“Teve uma vez que estávamos na aula de física aí o professor começou a falar mal das mulheres lésbicas e que todas deviam morar em Paris (de acordo com ele é porque lá tem muitas lésbicas), então me senti muito mal pois ele sabia que eu era lésbica, mesmo assim ficou falando mal, pois ele também sabia que meus colegas de classe não sabiam da minha orientação sexual. Fiquei muito constrangida e com raiva. Também tive várias conversas com orientadores da escola, porque pra eles era uma fase e não deveria interferir na minha passagem pela escola”. (depoimento de uma estudante lésbica, 18 anos, estado de Santa Catarina).

Nas páginas 40-41:

AGRESSÃO FÍSICA

Em torno de um terço (35,8%) dos/das estudantes LGBT foram agredidos/as fisicamente (ex.: puxados/as, empurrados/as) em algum momento na instituição educacional no último ano por causa de alguma característica pessoal. Suas experiências com agressão física seguiram um padrão parecido com o da agressão verbal — os/as estudantes relataram com maior frequência terem sido agredidos/as fisicamente por causa de sua orientação sexual ou identidade / expressão de gênero (Figura 1.13):

- 26,6% dos/das estudantes LGBT foram agredidos/as fisicamente na instituição educacional por causa de sua orientação sexual, e 6,0% relataram que esta forma de agressão ocorreu frequentemente ou quase sempre; e
- 24,6% foram agredidos fisicamente na instituição educacional por causa de sua identidade / expressão de gênero, sendo que 5,7% vivenciam essa agressão frequentemente ou quase sempre.

Com relação a outras características pessoais, no último ano letivo, 16,2% dos/das respondentes foram agredidos/as fisicamente por causa de seu gênero, e 9,8% foram agredidos por causa de sua raça/etnia (Figura 1.13).

VIOLÊNCIA FÍSICA

Houve menos relatos de violência física (ex.: espancado/a, chutado/a ou ferido/a com uma arma) sofrida pelos/as estudantes LGBT do que agressão verbal ou física, o que não é de se surpreender dada a natureza mais grave da violência física. Mesmo assim, 14,7% dos estudantes sofreram violência física na instituição educacional no último ano em função de alguma característica pessoal (Figura 1.14):

[...]

Não houve diferença significativa entre a incidência da violência física motivada por orientação sexual e a motivada por identidade/expressão de gênero, mas ambos os motivos foram significativamente mais comuns que a violência física motivada por outras características pessoais (Figura 1.14).

EXPERIÊNCIAS DE OUTROS TIPOS DE AGRESSÃO E EVENTOS NEGATIVOS

Os/as estudantes LGBT podem ser agredidos/as ou vivenciar outros eventos negativos na instituição educacional por motivos que não têm relação clara com a orientação sexual, identidade / expressão de gênero ou outras características pessoais. Na nossa pesquisa, também perguntamos para os/as estudantes com que frequência vivenciaram esses outros tipos de eventos no último ano, tais como assédio sexual ou serem excluídos/as propositalmente por seus pares.

“Algumas pessoas religiosas do meu colégio são inconvenientes e tentam a todo custo me ‘converter’, insistem em me fazer acreditar que estou errada e vou para o inferno. Isso parte tanto dos estudantes quanto de alguns professores, é desagradável”. (depoimento de uma estudante lésbica, 17 anos, Distrito Federal).

Na página 49:

Os/as estudantes LGBT que relataram discriminação mais severa em relação à sua orientação sexual ou identidade / expressão de gênero também tinham níveis mais baixos de autoestima. Os/as estudantes LGBT que vivenciaram níveis maiores de agressão verbal devido à orientação sexual ou identidade / expressão de gênero (“frequentemente” ou “quase sempre”) tinham menos probabilidade de indicar autoestima mais elevada (34,9% comparados com 47,2% no caso da orientação sexual; e 36,8% comparados com 46,0% no caso da identidade / expressão de gênero).

Poderia o signatário continuar nas transcrições, mas entende-se que as acima realizadas já demonstram o nefasto quadro de **banalidade do mal homotransfóbico** que assola as escolas brasileiras, na atualidade. Remete-se Vossa Excelência à íntegra da pesquisa. **Em suma:**

“Os estudantes LGBT precisam ser tratados como são os estudantes heterossexuais. Não queremos ser tratados de maneira privilegiada, nem queremos ser melhor que os outros. Queremos direitos como qualquer outro cidadão. É preciso fazer isso logo, o mundo não percebe, mas somos tão humanos quanto os outros, porém estamos morrendo. O preconceito está nos matando. A cada vez que você ofende uma pessoa LGBT, o seu senso de valor é destruído. Lembre-se mais uma vez, somos tão humanos quanto os outros, mas estamos morrendo. E ninguém tem notado essa injustiça”. (Respondente do questionário, estudante gay, 17 anos, estado de São Paulo – p. 11 da pesquisa).

Todo o aqui exposto demanda, Excelência, a ratificação da tese exordial, no sentido de que “Combate-se a noção segundo a qual a escola seria uma espécie de “curso técnico” voltado à aprovação de adolescentes no vestibular (ENEM etc). Isso porque a escola deve ensinar crianças e adolescentes a conviverem com a diversidade, em uma sociedade plural, e, assim, a respeitarem (ou, no mínimo, tolerarem) pessoas com características distintas das suas. Ou seja, ensinar crianças e adolescentes a conhecer e respeitar a diversidade humana, ensinando o dever de igual respeito e consideração (Dworkin) devido a qualquer pessoa que não prejudique terceiros”.

VECCHIATTI SOCIEDADE DE ADVOGADOS

Ante o exposto, e requerendo aqui a imediata apreciação, monocrática, por Vossa Excelência, *ad referendum* do Plenário, em razão da urgência em se determinar, às escolas, a proteção às crianças LGBT e mesmo a meninas em geral (cisgêneras e transgêneras), **requer-se** a concessão de **MEDIDA CAUTELAR**, *inaudita altera pars*, para se declarar, até o julgamento definitivo da presente ação, pelos fundamentos apresentados na exordial e nesta petição, o dever de todas as escolas, públicas e privadas, de reprimirem as discriminações por orientação sexual, identidade de gênero e gênero que lhes forem denunciadas, bem como respeitar as crianças LGBT em sua orientação sexual ou identidade de gênero. Ou seja, não reprimir crianças e adolescentes que manifestem comportamentos entendidos como de pessoas homossexuais, bissexuais, travestis ou transexuais, obviamente dentro da dimensão lúdica inerente a crianças, quando o caso, bem como se respeite a identidade de gênero de crianças e adolescentes que peçam para serem identificadas e tratadas de acordo com o gênero oposto àquele que lhes é socialmente atribuído em razão de seu genital ou sexo biológico (*ou seja, em termos de orientação sexual, da mesma forma que se considera normal um menino e uma menina em idade escolar se considerarem “namorados”, andando de mãos dadas e manifestando afeto na forma lúdica que se considera normal a crianças, aceite-se o mesmo a duas crianças do mesmo sexo/gênero, bem como se respeitem namoros homoafetivos entre adolescentes da mesma forma que se aceitam namoros heteroafetivos entre adolescentes; já em termos de identidade de gênero, que se respeite o nome social de crianças e adolescentes que se identifiquem com o gênero oposto àquele que lhes foi designado em razão de seu genital ou sexo biológico, bem como seja-lhes permitido vestir-se e portar-se de acordo com sua identidade de gênero transgênera*);

Termos em que,
Pede e Espera Deferimento.
De São Paulo para Brasília, 24 de março de 2017.

Paulo Roberto Iotti Vecchiatti
OAB/SP n.º 242.668